

Sobre as Origens da Raça Ovina Campaniça

Claudino Matos* e Helena Nunes**

* DRAAL - Centro de Experimentação do Baixo Alentejo
Herdade da Abóbada 7830-908 Vila Nova de São Bento, Portugal.

** FAPOC - Federação das Associações Portuguesas de Ovinicultores e
Caprinicultores
Av. Colégio Militar, Lote 1786, 1500 – 179 Lisboa, Portugal

*“No se puede conocer bien una raza sin una crítica apreciable de su desarrollo
histórico”*

(Fraser citado por Sanz, 1986)

O estudo da origem duma determinada raça é uma tarefa difícil dada a escassez de fontes de informação e a diversidade de metodologias utilizadas na classificação dos ovinos domésticos. Efectivamente, autores mais clássicos utilizaram o diâmetro longitudinal do crânio associado a variados caracteres morfológicos e fisiológicos, outros optaram por classificar as raças ovinas em função da região geográfica ou país de origem, enquanto outros, mais contemporâneos, apresentam uma classificação em função da especialização produtiva, em raças de lã, de carne ou de leite (Miranda do Vale, 1949). Encontrar as origens da população ovina, actualmente apelidada de raça Campaniça, não escapa a esta regra, existindo mesmo alguma controvérsia na bibliografia que consultámos.

Para Miranda do Vale (1949), as várias populações ovinas nacionais têm a sua origem em 2 troncos, o *Ovis aries ibericus* (Tronco Ibérico) e o *Ovis aries africanus* (Tronco Africano). Acrescenta o mesmo autor que “a raça aborígene, derivada do tronco ibérico, é constituída, na sua maioria, por produtos de cruzamentos e mestiçamento dos 2 troncos”. Seguindo a classificação de acordo com a qualidade do lã que produziam, proposta por Bernardo Lima nos finais do século XIX, o autor denomina estes ovinos de raça bordaleira, agrupando-os em três grupos: os bordaleiros comuns, os feltrosos e os churros. Tendo ainda em vista esta classificação, Frazão (1959) apresenta uma opinião algo diferente de Miranda do Vale. Admite aquele autor a designação de bordaleiro apenas como referência aos ovinos que não se enquadram no grupo Merino, e

não para determinar um agrupamento étnico resultante do cruzamento do “Tronco Ibérico” com o “Tronco Africano”.

Referindo-se particularmente à raça ovina Campaniça, Frazão (1959) afirma ainda que ela é “...um dos abencerragens do ovino burdo mais fino que povoava intensamente a nossa península” . O autor justifica esta opinião com base em escritos de Políbio, Plínio e Estrabão, que referem que muito antes do aparecimento dos Merinos, representantes do tronco Africano, já a Península Ibérica se encontrava povoada por outros ovinos, que segundo Columela (citado pelo autor) eram na sua maioria brancos, existindo alguns pretos, que possuíam velos, uns mais grosseiros que outros, com lã “burda” (termo castelhano que significa grosseiro e que terá dado origem, segundo Miranda do Vale (1949) à palavra bordaleiro).

Bentes (1920), num estudo intitulado “Os Arietinos do Distrito de Beja”, afirma que “Duma maneira geral, os arietinos, acumulam-se em todo o distrito nas regiões mais ricas, sobretudo nos barros, onde os merinos apresentam muitos caracteres comuns com os merinos Espanhóis” e, referindo-se provavelmente aos ovinos Campaniços, acrescenta que “na periferia (do Distrito de Beja) se encontram animais que se aproximam do grupo Bordaleiro derivado do tronco ibérico *Ovis aries ibericus*”, também denominado tronco dos Pirinéus. A raça dos Pirinéus, donde deriva também, na opinião de Cordeiro (1982), a raça Bordaleira, “descende dos carneiros das montanhas europeias de chanfro bastante convexo, com corpo delgado e membros compridos, revestido com velos de lã “longal” que, ao ramificarem-se pela Península Ibérica teriam adquirido caracteres morfológicos, lanares e leiteiros diferentes dos seus ascendentes, por se terem submetido a variadas influências ambientais”.

Refere Frazão (1959) que no tempo dos romanos, dada a finura dos velos, as lãs da Bética (Península Ibérica) e da Turdetânia (província que segundo o autor se estendia no seu limite ocidental até ao sul de Beja compreendendo grande parte da margem esquerda do Guadiana), e os tecidos com ela fabricados, eram muito célebres. Acrescenta ainda que “tamanho era essa fama que para Roma foram levados muitos exemplares ibéricos, de côr branca e de grande finura de lã”. Citando Klein, Frazão(1959) afirma que “a lã da Espanha romana tinha uma fêvera muito comprida e suave, que em nada se assemelha ao famoso produto crespo e curto dos merinos mais

recentes”, provindo assim, segundo aquele autor, a lã turdetana dos ovinos Churros. Explica porém Frazão (1959), que tal não poderia ser porque a “lã churra” não tem “fêvera suave”, e conseqüentemente nunca poderia ter sido afamada. Conclui o autor ser o “burdo mais fino”, que povoava o sul do país, o possuidor desta lã, numa alusão clara à raça Campaniça.

Ainda segundo Frazão (1959), os actuais “bordaleiros comuns e feltrosos” devem ter derivado do tronco “*Ovis aries ligeriensis*”, de Sanson, por sua vez originado do “*Ovis aries Palustris*” de Ruetimeyer, a ovelha das turfeiras do período neolítico inferior. Por seu turno, Bernardo Lima (1873) apresenta uma distinção entre Bordaleiros finos ou comuns e Bordaleiros feltrosos com base nas características lanares. Este autor já havia incluído os animais da raça Campaniça no primeiro grupo que, comparativamente aos animais do segundo, se distinguem por apresentar pelo cábrio menos dominante, espalhados por diversas regiões do corpo, sendo a lã geralmente grosseira, disposta em mechas ponteagudas, formando um velo mais ou menos altoso. Mais recentemente, e de acordo com a grelha de classificação de lãs nacionais proposta por Coelho Morais (1947) e ainda em vigor nos nossos dias, Cordeiro (1982) considera o “gado Campaniço” como membro da sub-raça Bordaleiro comum ou Alentejana que se evidencia pelas qualidades lanares do tipo Cruzado.

Refere ainda Frazão (1959) que os ovinos primitivos, “grosseiros” e “mais finos”, possuem diferenças quer morfológicas quer lanares quando comparados com o merino. O “bordaleiro churro”, cuja filiação no tronco ibérico é para este autor é indiscutível, não tem qualquer semelhança com o “bordaleiro fino”. Acrescenta também que a raça ovina Campaniça exhibe um potencial genético próprio duma raça primitiva, não sendo produto de mestiçamentos já que se se tratasse de um produto heterozigoto haveriam de se manifestar semelhanças com os progenitores, que não foram observadas. Baseia a sua opinião evocando que o cruzamento de animais de perfil recto com outros de perfil côncavo não poderia ter originado animais com uma marcada convexidade, como é o caso do Bordaleiro comum, no qual está incluído o Campaniço. Refere finalmente que a lã característica deste grupo, de tipo Cruzado, não tem similitude alguma com a do Merino, e muito menos com a do churro, concluindo assim que o Merino, o Churro e o

Bordaleiro fino ou comum são 3 tipos étnicos diferentes e bem caracterizados. Esta é, de resto, a opinião mais geralmente aceite (Sobral *et al.*, 1990).

Quanto à origem do termo Campaniça, que dá o nome à raça, tudo indica que esteja associado à região do “Campo Branco” que é considerada actualmente o verdadeiro solar da raça (Frazão, 1959; Sobral *et al.* 1990). No entanto, Mason (1967) considera que a raça Campaniça era a população ovina que outrora dominava na Província do Algarve (Distrito de Faro) e a sul do Distrito de Beja. Para este autor a raça terá sido gradualmente substituída pelo Churro Algarvio e pelo Merino, encontrando-se acantonada numa área restrita situada a Sudoeste do Distrito de Beja, que certamente corresponde à região do Campo Branco.

Em conclusão, apesar das divergências de opinião reflectidas na bibliografia, tudo indica que a raça Campaniça é uma população ovina originária da Península Ibérica que se terá diferenciado de outras raças devido às condições edafo-climáticas específicas da região onde ao longo dos séculos tem sido explorada. Por outro lado, as características do velo exibidas pela raça, designadamente a produção de lã do tipo Cruzado, parece ser o critério que melhor diferencia esta população de outras com características raciais semelhantes que se encontram em Portugal e Espanha, pese embora as diversas metodologias utilizadas na classificação lanar.

Referências Bibliográficas

- Bentes, J. M. F., 1920. Os Arientinos no Distrito de Beja. Tese de doutoramento. Escola Superior de Medicina Veterinária, Lisboa, 1920.
- Bernardo Lima, S. 1873. Recenseamento geral dos gados no Continente do Reino de Portugal em 1870. Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Imprensa Nacional. Lisboa.
- Coelho Morais, M., 1947. Classificação das Lãs Nacionais. Ministério da Economia, Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Imprensa Barreiro, Lisboa.
- Cordeiro, D. P., 1982. Origem das raças ovinas em Portugal. Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Lisboa, 1982.
- Frazão, T. L., 1959. Ovinos Campaniços. In Boletim Pecuário, Ano XLVIII, 1982.

Mason, I. L., 1967. Sheep breeds of the Mediterranean. FAO.

Miranda do Vale, J., 1949. Gado Bissulco. A Terra e o Homem. Colecção de Livros Agrícolas. Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Sanz, E. L. 1986. Historia del Merino. Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, Dirección General de la Producción Agrária. V. A Impresores S. A. Albasanz, Madrid. 224 pp.

Sobral, M., Antero, C., Borrego, J. D., 1990. Raça Campaniça. Revista *Ovelha*, pp: 11-13, Março.